

# RISCO E AVENTURA POR ENTRE AS MONTANHAS DE MINAS: A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE ESPORTE DE AVENTURA

**Jairo Antônio da Paixão**

Faculdade de Minas, Muriaé, Minas Gerais, Brasil

**Guilherme Tucher**

Faculdade de Minas, Muriaé, Minas Gerais, Brasil

## **Resumo**

O presente estudo buscou analisar a formação dos profissionais de esporte de aventura no estado de Minas Gerais. Realizou-se um estudo descritivo exploratório com um grupo amostral composto por 121 instrutores atuantes em diferentes modalidades de esporte de aventura no Estado de Minas Gerais. Verificou-se que a categoria desses profissionais se apresenta a partir de indivíduos com formações diversificadas (nível médio, graduação em Educação Física e em outras áreas do ensino superior). Esses profissionais mobilizam os saberes necessários à atuação do instrutor de esporte de aventura de formas variadas como vivências práticas em uma ou mais modalidades e compartilhamento de informações entre amigos de profissão.

**Palavras-chave:** Esporte de aventura – Instrutores - Risco

---

## **Introdução**

**S**eguramente, o esporte configura-se como um dos maiores fenômenos socioculturais em escala mundial na contemporaneidade. Tamanha é sua abrangência, que o esporte evidencia, não somente a forma como a sociedade se organiza, como as contradições existentes em seu cotidiano. Dentre a multiplicidade de elementos que delineiam o fenômeno esporte, destaca-se um permanente processo de evolução, surgindo ininterruptamente significados e ressignificados para a sua prática ao longo dos tempos.

Nesse contexto de evolução, observa-se, nos estudos empreendidos por Coiceiro (2007), que, a partir da transição paradigmática, da modernidade para a pós-modernidade, surgem novas práticas esportivas, entre elas os esportes praticados na natureza. Trata-se de uma vertente esportiva que elegeu os diferentes ambientes naturais (terrestre, aéreo e aquático) como locus privilegiado para a sua manifestação.

Tendo a aventura, o risco e as fortes emoções como eixos norteadores, o esporte de aventura surge a partir de novos paradigmas centrados na (re)aproximação com a natureza, na autorrealização, no lazer e na melhoria da qualidade de vida, os quais buscam substituir os de competição, rendimento e esforço pela incerteza, risco e liberdade (COICEIRO, 2007; COSTA, 2000; MARINHO; BRUHNS, 2003; PASSOS, 2004). O surgimento constante de novas modalidades, acompanhado pelo crescente número de adeptos de diferentes formações culturais, faixas etárias, níveis sociais e campos de atuação profissional, evidenciam, não somente o seu potencial econômico, como ainda, que o esporte de aventura e risco calculado configura-se uma realidade no âmbito atual.

Essas práticas físicas, tanto no âmbito do esporte de alto rendimento como no contexto do lazer, implicam riscos de diferentes proporções, como quedas, colisões, escoriações, fraturas, afogamentos, congelamentos, mal-estares entre outros. A realidade mostra que, em alguns casos, apenas a utilização de equipamentos sofisticados não é suficiente para impedir incidentes dessa magnitude. No entanto, quando a prática desse esporte se encontra aliada a procedimentos e estratégias advindos de conhecimentos relativos a uma dada modalidade, há uma tendência a minimizar acidentes.

Dessa feita, o praticante deverá aliar uma série de saberes, que incluem domínio da técnica, habilidades adequadas à modalidade que está realizando, conhecimento e emprego da tecnologia e de equipamentos, capacidade de decifrar informações referentes ao ambiente natural. Ainda, diante do imprevisto, esse profissional deverá ter capacidade de decidir e agir antecipadamente, por meio de estratégias a serem utilizadas para superar o obstáculo (risco objetivo) e atingir seus objetivos no decorrer da prática esportiva. Esses conhecimentos deverão ser suficientes para assegurar ao praticante, não somente o prazer e a aventura, como também, sua integridade física e emocional, além de contemplar aspectos relacionados à preservação do meio natural em que se desenrola uma dada modalidade.

Essas considerações fornecem elementos para se refletir acerca do tipo de instrução recebida pelos praticantes, como, por exemplo, se esses atores, na busca incessante por fortes emoções, e em condições arriscadas, o estão fazendo sob a segurança de um instrutor profissional competente, de forma a prever, controlar e minimizar os riscos a que podem vir a ser submetidos.

## O instrutor de esporte de aventura: contexto brasileiro

Com base em observações empíricas e da produção científica que aborda o esporte de aventura, observa-se a inexistência, no Brasil, de formação oficial específica para o profissional que trabalha com o esporte de aventura, como ocorre, por exemplo, com os profissionais de Educação Física. Como afirma Costa (2005), geralmente, esses profissionais se autoformam ou recebem um curso de mínima duração, oferecido por algumas confederações esportivas ou de associações internacionais certificadoras.

Apesar de o esporte de aventura ser uma realidade em termos de prática física no cenário brasileiro, tanto no âmbito do esporte de alto rendimento como no contexto do lazer, verifica-se que as discussões geradas sobre o profissional que se encontra à frente do processo instrucional das diferentes modalidades de esporte de aventura, ainda não contemplam em maior magnitude questões e implicações que a temática demanda. Essa vertente esportiva configura-se no Brasil num contexto inovador e promissor, fato esse que contribui sobremaneira para que tenhamos ainda um número reduzido de pesquisadores que buscam oportunizar conhecimentos qualitativos para a formação profissional capacitada e que contribuam efetivamente para o atendimento da demanda dessa prática corporal na natureza.

A categoria na qual se insere o instrutor do esporte de aventura no Brasil não dispõe ainda de um status<sup>1</sup> suficientemente capaz de propor uma sistematização das ações, estratégias e procedimentos adotados por esses atores, à luz da Pedagogia (nos domínios da didática). Esse status configurar-se-ia numa espécie de referência para a organização e o desenvolvimento do trabalho docente, dadas as novas necessidades sociais da contemporaneidade observadas na vertente do esporte de aventura.

Ao conduzir as atividades e procedimentos relacionados a uma da-

---

1-O entendimento de status não se confunde com o regime jurídico ou contratual que define legalmente a situação do trabalhador. Ainda que possa analisá-lo num conjunto de direitos e obrigações socialmente determinados, o status representa, no fundo, o aspecto normativo da função ou o processo de institucionalização que delinea esse aspecto. Em outras palavras, o status remete à questão da identidade do trabalhador, tanto dentro da organização do trabalho, quanto na organização social, na medida em que essas funcionam de acordo com uma imposição de normas e regras que definem os papéis e as posições dos atores (TARDIF; LESSARD, 2005).

da modalidade, esse profissional, por sua vez, estará desenvolvendo uma prática docente. Trata-se de uma relação em que coexiste o sujeito cognoscente e aquele que ensina.

Ao se considerar o instrutor de esporte de aventura um profissional que desempenha um trabalho docente, ainda que sua formação e competência se apresentem de maneira difusa, se comparado com o status de que dispõem outras categorias profissionais, faz-se necessário pensar na dinâmica estabelecida entre os elementos que constituem a sua atuação profissional. Como exemplo, pode-se citar a condução das atividades relacionadas ao ensino e/ou acompanhamento, seja de um aprendiz ou de um grupo de pessoas numa dada modalidade.

Nesse sentido, o presente estudo buscou conhecer aspectos ligados à formação do profissional que se encontra à frente do processo instrucional das modalidades de esporte de aventura no Brasil na contemporaneidade.

## **Métodos**

Com o objetivo de desvelar aspectos ligados à formação do profissional de esporte de aventura no Estado de Minas Gerais, realizou-se um estudo descritivo exploratório (DRAKE; MILLER, 1969; MALHOTRA, 2001). O delineamento do estudo configura-se como uma pesquisa de levantamento de dados (Survey) (BABBIE, 2001; GIL, 2008). Empregou-se como instrumento um questionário semiestruturado, validado por três especialistas na área. O processo de elaboração e validação do instrumento procedeu segundo a técnica Delphi (DUFFIELD, 1993; THOMAS; NELSON, 2002) e consistiu num total de quatro fases, até a obtenção de consenso sobre as questões do instrumento pelos especialistas.

Após a realização de um levantamento das federações existentes no Estado, buscou-se reunir informações sobre as empresas especializadas em esporte de aventura associadas a uma federação mineira da(s) modalidade(s) oferecida(s). Por meio de telefonemas, e-mails e informações disponíveis nos sites dessas empresas, foi possível precisar dados sobre os instrutores vinculados a elas.

Constatou-se que a referida população de instrutores em empresas associadas a uma federação do Estado de Minas Gerais constituía-se de 237 instrutores responsáveis pela condução de 19 modalidades de esporte de aventura. Essas empresas encontravam-se distribuídas por

idades de diferentes proporções populações e dimensões geográficas, incluindo cidades interioranas, de médio e grande porte.

Para definir o tamanho da amostra, empregaram-se dois valores. A probabilidade de sucesso foi fixada em 0,5 (com 50% de chance de sucesso e 50% de chance de insucesso). Considerou-se também um intervalo de confiança de 5%, cuja intenção foi assegurar um maior grau de precisão. Foi possível, então, calcular o tamanho da amostra por meio da seguinte fórmula<sup>2</sup>:

$$n = \frac{n_0}{1 + (n_0 - 1) / N}$$

Equação 1

Onde  $n_0$  é dado por

$$n_0 = \frac{z(k)^2}{4d^2}$$

Equação 2

$$n_0 = \frac{1,96^2}{4(0,05)^2} = \frac{3,8416}{0,01} = 384,16$$

Portanto, o tamanho da amostra foi:

$$n = \frac{384,16}{1 + (384,16 - 1) / 237} = 147$$

Legenda: N = tamanho da população; n = tamanho da amostra; d = margem de erro; z(k) = grau de confiança desejado (utilizou-se o grau de confiança de 95% que é igual a  $p = 0,05$ )

A seleção dos instrutores para a definição da amostra – 147 instrutores – foi realizada de forma probabilística, utilizando a técnica de amostragem estratificada simplificada (Neto, 1997). Trata-se de uma técnica que consiste em especificar quantos elementos de cada amostra serão considerados em cada estrato. Essa opção foi feita com o intuito de garantir a representatividade dos resultados obtidos.

---

2-Esta fórmula, empregada para cálculo do tamanho da amostra para populações finitas, foi sugerida pelo Departamento de Matemática da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Dessa forma, considerando as modalidades oferecidas pelas empresas como estratos e os instrutores como unidades diretas desses estratos, foi selecionada uma amostra dentro de cada empresa, proporcional ao tamanho de suas subpopulações.

Após a definição de um período de seis meses (janeiro a julho de 2010) para a coleta de dados, o grupo amostral fechou com um total de 109 instrutores responsáveis por diferentes modalidades de esporte, com média de idade de 30 (trinta) anos, desvio padrão com significância  $>< 0,05\%$  no estado de Minas Gerais. Os critérios de inclusão foram: instrutores vinculados em federações de modalidades de esporte de aventura trabalhadas e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os critérios de exclusão foram instrutores que não se encontravam vinculados a uma ou mais federações de modalidades de esporte de aventura trabalhadas no Estado de Minas Gerais e o não interesse em participar da investigação. O estudo recebeu aprovação do Comitê de Ética, da Faculdade de Minas, Muriaé, MG (Processo n. 100427/0016 de 27 de abril de 2010). As análises estatísticas foram realizadas por meio de estatística descritiva.

## Resultados

No presente estudo, a amostra foi composta por instrutores que se encontravam inseridos na condução das diferentes modalidades de esporte de aventura praticadas no Estado de Minas Gerais. Todos eram do sexo masculino, com média de 30 anos de idade. Quanto ao de tempo de atuação profissional como instrutores constatou-se a média de 7,2 anos, com desvio-padrão de 3,9.

Trata-se de uma categoria profissional que atua, em sua maioria, na informalidade, sem vínculo empregatício oficializado, como pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1: Vinculação a alguma empresa que desenvolve esporte de aventura

<b>Situação profissional</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Encontra-se vinculado	36	29,75
Não se encontra vinculado	85	70,25
<b>Total</b>	<b>121</b>	<b>100</b>

Na Tabela 2 estão apresentados a frequência e os valores percentuais referentes à forma como os instrutores se inserem no âmbito profissional. Pode-se verificar que um número expressivo (73,29%)

desses profissionais não desenvolve as atividades como instrutores de esporte de aventura de forma exclusiva.

Tabela 2: Forma de atuação profissional como instrutor de esporte de aventura

<b>Forma de atuação profissional</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Atividade profissional exclusiva	32	26,71
Atividade profissional paralela à outra profissão	89	73,29
<b>Total</b>	<b>121</b>	<b>100</b>

Outro aspecto constatado sobre o grupo amostral foi que a maioria dos instrutores (71,07%) possuía formação em nível superior de ensino. Os demais, 35 (28,57%) haviam concluído o ensino médio referente à Educação Básica e atuavam profissionalmente no mercado informal, em instituições públicas, comércio e em outros segmentos da sociedade.

Apesar de se tratar de um segmento profissional que lida diretamente no processo instrucional e condução de diferentes modalidades de esporte de aventura, constatou-se que, no tocante à área de formação, 37 (43,02%) instrutores eram formados em Educação Física. Em relação a outras áreas, 49 (57,97%) instrutores em diferentes áreas, como Direito, Administração de empresas, Engenharia Civil, Engenharia Florestal, Mecatrônica, Agronomia, Turismo, Fisioterapia, Ciências da computação, Letras e Psicologia.

Quanto à adesão pela prática regular de atividade física, pregressa à atuação como instrutor, os entrevistados evidenciaram diferentes modalidades de esporte de aventura, como pode ser verificado no Gráfico 1.

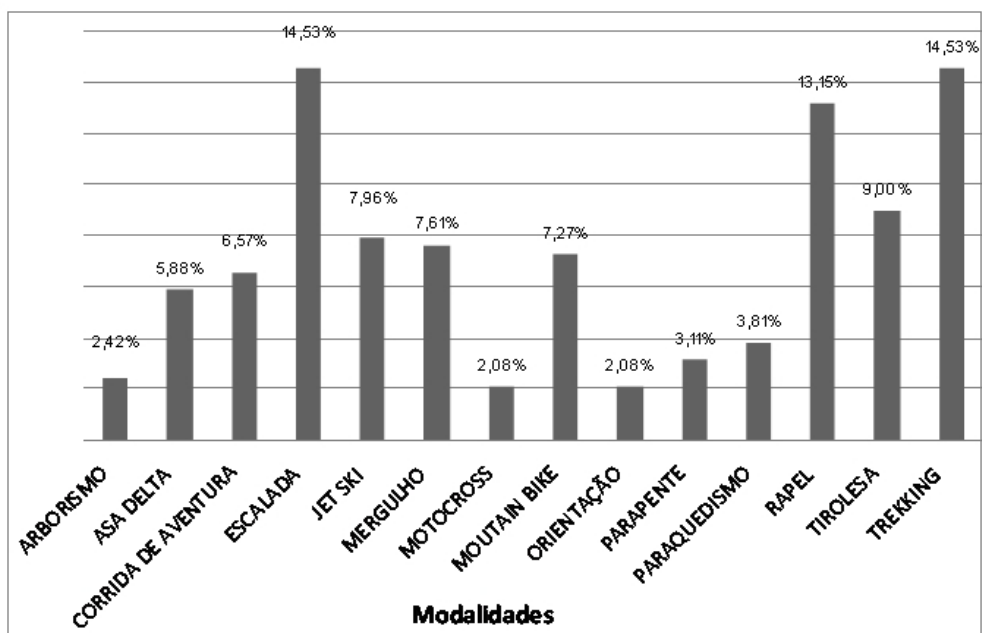


Gráfico 1: Modalidades de esporte de aventura praticadas antes da atuação como instrutor

A Tabela 3 apresenta os resultados referentes aos principais motivos que influenciaram os sujeitos na escolha para atuarem como instrutores das diferentes modalidades de esporte de aventura. Esses motivos decorrem de aspectos motivacionais de ordem intrínseca e extrínseca, a saber: ‘Por se tratar de atividade físico-esportiva a qual eu já praticava’ (14,51%), ‘Porque é uma área profissional em que se tem a natureza como cenário’ (14,31%), ‘Porque sempre fui apaixonado(a) pela natureza’ (13,71%), ‘Pela oportunidade de atuar numa área nova e promissora no âmbito profissional’ (10,67%) e ‘Porque é um tipo de profissão que possibilita diferentes e constantes desafios’ (9,87%). Juntos, esses cinco motivos representaram 63,07% do total de pontos obtidos nas respostas.



Tabela 3: Principais motivos alegados pelos entrevistados que contribuíram na escolha para atuarem como instrutores de esporte de aventura

Motivo	n	%
Por se tratar de atividade físico-esportiva a qual eu já praticava	39	34
Porque é uma área profissional em que se tem a natureza como cenário	26	23
Porque sempre fui apaixonado (a) pela natureza	19	17
Pela oportunidade de atuar numa área nova e promissora no âmbito profissional	17	14
Porque é um tipo de profissão que possibilita diferentes e constantes desafios	12	10
Outros	9	2
<b>Total</b>	<b>121</b>	<b>100</b>

O Gráfico 2 apresenta as modalidades trabalhadas pelos instrutores. Verificou-se que esses profissionais atuam em mais de uma modalidade de esporte de aventura, tanto no processo instrucional, como na condução de atividades relacionadas às modalidades de esporte de aventura.

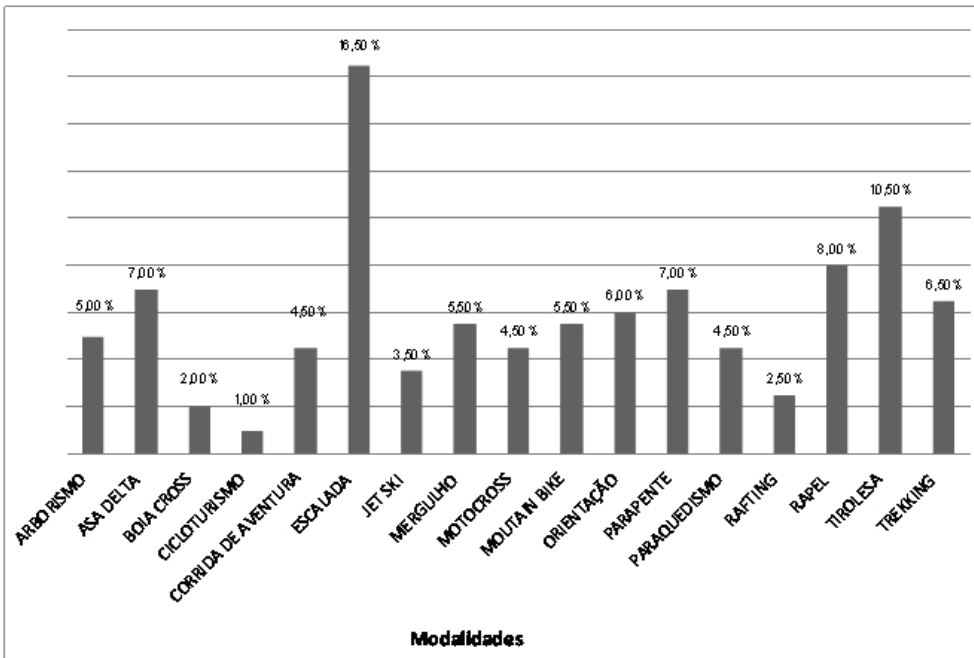


Gráfico 2: Modalidades de esporte de aventura em que atuam como instrutores

## Discussão

Percebe-se, nos últimos tempos, um crescimento da participação feminina nas práticas de esporte de aventura (JORDAN, 1992; BRUHNS, 2003; SILVA, 2004). Esse quadro se deve a uma série de fatores, dentre eles, está o fato dessas práticas físicas se apresentarem abertas para ambos os sexos, que buscam diferentes vivências e sensações, tal qual acontece com a prática das diferentes modalidades de esporte tradicional, como o voleibol, futsal, natação dentre outras. Ainda que o presente estudo não tenha objetivado segmentar a amostra pelo critério gênero, em sua totalidade (100%), a mesma se compôs de instrutores do sexo masculino.

Ao se considerar a influência da experiência pregressa enquanto praticante na escolha posterior para atuar como instrutor de esporte de aventura, é possível afirmar que, embora haja adesão das mulheres à prática do esporte de aventura, como mostram dados da Adventure Travel Trade Association publicados em 2007, obtidos por meio de uma pesquisa survey com setenta questões, aplicada em 220 companhias que se dedicavam ao turismo de aventura, representando 35 países e envolvendo 3.6 milhões de consumidores, foi demonstrado que 52% dos sujeitos que buscam vivenciar a aventura por meio de práticas de esporte de aventura na natureza eram mulheres. No entanto, elas não se configuram ainda em número expressivo tal qual ocorre com os homens no papel de instrutoras. Entre as razões para a predominância das características mencionadas pode estar o fato de essa vertente esportiva configurar-se no Brasil ainda como um campo de intervenção profissional eminentemente novo.

Como campo de intervenção profissional, o esporte de aventura no Brasil não apresenta uma uniformidade em termos de regulamentação. Em outras palavras, trata-se de um campo de atuação em que não há a exigência de formação específica, seja em nível de formação profissionalizante ou superior, para a atuação profissional do instrutor. Em termos de exigências para que o indivíduo possa habilitar-se ao exercício profissional como instrutor de determinada modalidade, a ênfase recai, em sua maioria, na aquisição de certificados de cursos técnicos, de curta duração, emitidos por confederações e associações da respectiva modalidade. Trata-se de uma situação, como afirma Costa (2006), em que não ocorreu ainda uma profissionalização do instrutor de esporte de aventura no Brasil.

As diferentes modalidades, nos diferentes ambientes naturais, possuem especificidades e características independentes, e pode decorrer daí que os instrutores acabem por desenvolver determinadas competências para a sua condução à medida que elas se tornem necessárias, seja de forma intuitiva, vivência prática como praticante ou ex-praticante, ou ainda, por cursos de curta duração na área específica. Esses resultados confirmam a ideia de que os indivíduos, envolvidos profissionalmente com o esporte de aventura no Brasil, ainda não dispõem de uma identidade de atuação como se observa em categorias profissionais como a de professores, farmacêuticos, fisioterapeutas, as quais, pela sua própria trajetória de tempo e vivências e conquistas, adquiriram status no âmbito da sociedade em que atuam.

Dentre os principais motivos que os levaram a atuar como instrutores de esporte de aventura, percebe-se que a maioria foi motivada pelo fato de se tratar de atividade físico-esportiva, a qual já praticava. Chama a atenção a prevalência de praticantes e ex-praticantes de uma ou mais modalidades na referida categoria profissional. Somado a esse fato, há em posição destacada aqueles relacionados ao ambiente natural, onde se efetivam as diferentes modalidades. Dessa feita, recorre-se aos estudos sobre as práticas físicas na natureza na contemporaneidade, empreendidas por autores como Costa (2000), Le Breton (2004) e Spink (2001), para inferir que, entre os principais motivos que influenciaram os informantes sobre a opção em atuarem como instrutores, encontram-se presentes o esporte de aventura como a possibilidade de um (re)encontro com a natureza e a forma de se colocarem à prova os próprios limites e busca de novas e fortes sensações, como o risco e a vertigem, os quais, muitas vezes, não são obtidos por meio da prática dos esportes tradicionais, como o voleibol, futsal e outros.

Essa situação pode ser mais bem compreendida quando se considera a falta de regulamentação da maioria das modalidades de esporte de aventura, a inexistência de curso de formação superior, o que dificulta o fortalecimento da categoria do profissional que atua com esporte de aventura e sua representatividade no contexto social.

Em termos efetivos, a importância de profissionais habilitados na condução das modalidades de esporte de aventura pode ser expressa através de exemplos como este: um praticante, que através de esforços próprios ou por meio de pessoas não habilitadas para esses fins aprende técnicas básicas que lhe serão suficientes para sanar a maioria dos obstáculos que surgem no decorrer da prática de uma determinada

modalidade, coloca-se numa situação equivocada e arriscada. Isso porque, na maioria das vezes, esse praticante desconhece as consequências da limitação técnica, como ainda da necessidade de outros conhecimentos, como, por exemplo, condicionamento físico, condições ambientais, primeiros socorros, além da noção do risco que envolve a prática de uma determinada modalidade de esporte de aventura, bem como a forma correta de empregar equipamentos e tecnologia no sentido de prever e minimizar o risco.

Por fim, mas não menos importante, notou-se a inferência aos saberes da experiência, que, juntamente com outros saberes, como o acadêmico e pedagógico, estruturam a prática do profissional docente (TARDIF; RAYMOND, 2000).

Difícilmente, um indivíduo que não disponha de vivência prática em uma ou mais modalidades irá se preparar por meio de um curso de curta duração e se aventurar como instrutor. Isso decorre da especificidade existente entre as modalidades de esporte de aventura praticadas nos diferentes ambientes naturais. Por exemplo, no ensino da escalada, o instrutor precisa centrar suas atenções na técnica correta nos procedimentos visando, acima de tudo, a segurança dos aprendizes/praticantes. Para isso, esse profissional dependerá da sua experiência prática, a qual influenciará e será influenciada diretamente pelas condições do meio ambiente.

Durante muito tempo prevaleceu um consenso de que, para ensinar bastava conhecer um conteúdo em questão. Tal concepção sustentou a ideia de que a experiência adquirida, por um indivíduo, por meio de experimentações práticas lhe garantiria sustentação necessária e suficiente à sua atuação docente.

No entanto, os estudos voltados para a área de formação docente evidenciam que a atuação profissional docente estrutura-se a partir de sucessivas interações do sujeito cognoscente com diferentes saberes, habilidades, crenças e atitudes ao longo de sua trajetória profissional docente (Monteiro, 2001; Nóvoa, 2003; Nunes, 2001; Perrenoud, 2001, Pimenta, 2007; Soriano, 2003; Tardif, 2002).

Essa complexidade inerente à intervenção profissional não reside apenas na sofisticação erudita do conhecimento acadêmico, nem necessariamente no aprimoramento tecnológico advindo do conhecimento científico, mas na articulação de diversos tipos de saberes e de recursos, como também, no reconhecimento da existência de especificidades. Estas resultam em maneiras muito particulares na organiza-

ção, elaboração e efetivação da prática profissional docente (Soriano, 2003).

A intervenção profissional docente, na qual se efetiva o ato de ensinar, relaciona-se com o entendimento do conteúdo, do aprendiz, de didática, além da capacidade de desenvolver procedimentos técnicos e estratégias, visando facilitar a aprendizagem do aprendiz.

Ao realizar o trabalho de análise dos saberes que sustentam a prática docente, Monteiro (2001), Tardif (2002) e Pimenta (2007) destacam sua complexidade e afirmam que o processo de formação profissional docente alicerça-se sobre três saberes: acadêmicos, pedagógicos e experienciais. Os primeiros correspondem aos saberes científicos e/ou disciplinares. Estão relacionados às instituições formadoras e são selecionados por elas para comporem a formação dos profissionais. Os saberes pedagógicos se referem à relação que se estabelece entre professor-aluno no decorrer do processo instrucional, capacidade de condução e elaboração de estratégias didático-metodológicas que visem a motivação e o interesse dos alunos e, finalmente, do emprego eficaz de técnicas ativas de ensinar. Já os saberes experienciais constituem-se no exercício da prática cotidiana da profissão, fundados no trabalho e no conhecimento do meio. São saberes que surgem da experiência prática e são por ela validados. Incorporam-se à vivência individual e coletiva sob a forma de habilidades, de saber fazer. Esses saberes não advêm das instituições de formação. São saberes práticos e não da prática: eles não se aplicam à prática para melhor conhecê-la, eles se integram a ela e são partes constituintes dela enquanto prática docente (Tardif, 2002). No entanto, há que se ressaltar que o domínio desses saberes, que se fazem necessários à prática profissional docente, diferencia-se de profissional para profissional em decorrência de fatores ligados às especificidades do campo de atuação, do tipo de formação, bem como à própria subjetividade do sujeito profissional.

Como ressalta Costa (2004), o ensino da escalada, assim como de modalidades de esporte tradicionais, como o futebol ou handebol, demanda do instrutor uma série de saberes em relação, como por exemplo, aqueles relacionados aos três fatores básicos para a efetivação de uma modalidade em questão: a segurança, sua experiência prática e o meio ambiente.

No que se refere ao elemento risco, há que considerar os avanços nas pesquisas científicas, que buscam, tanto a melhoria da performan-

ce técnica, como a produção de material, as quais possibilitam maior e melhor desempenho. Esses esforços visam, ao mesmo tempo, prever, calcular e minimizar as situações de risco a que o praticante pode estar sujeito. Os riscos vividos pelos novos aventureiros - os praticantes de uma modalidade de esporte de aventura - são livremente escolhidos como valor.

Como complementa Costa (1999), trata-se de uma aventura com sentido lúdico, uma vez que a conduta dos sujeitos que vivem a aventura no esporte é tomada como um risco, no qual ousam jogar a si mesmos, com a confiança do domínio cada vez maior da técnica. Manifestam uma audácia para poder desencadear esse risco, autorizada pela ideia confiante de serem capazes de lançar-se no espaço, na profundidade, na imersão, na luta contra os obstáculos da natureza, associada a um excitante e reconfortante prazer de realizar (vertigem) e de tê-lo feito com alta competência.

Nessa perspectiva, o conhecimento dos riscos incita o gosto pela transgressão, gozo reduplicado pelo fato de representar sua existência, de subestimar os conselhos e o terror dos outros. Isso parece excitá-lo a brincar de “roleta russa”, a brincar de correr risco. Às vezes, essa paixão, por correr risco calculado, se transforma em modo de vida, chama à transgressão. O fato de perseguir deliberadamente o risco modifica-lhe o sentido da vida, marcando a sua individualidade, tornando-se um habitus, tal como entendem Bourdieu (1995), Costa (1999) e Le Breton (2000; 2004).

Dentre as modalidades de esporte de aventura praticadas, a maior procura se concentra em modalidades como escalada, trekking e rapel, as quais se justificam pelo relevo presente no Estado de Minas Gerais<sup>3</sup>. A escalada aparece como a modalidade mais trabalhada no Estado de Minas Gerais pelos profissionais de esporte de aventura. Esse fato se explica pela geografia da região, que oferece aos praticantes um conjunto de montanhas e relevos com altitudes diversificadas, que

---

3-Minas Gerais situa-se na porção noroeste da região Sudeste do Brasil. Ocupa o quarto lugar em extensão territorial, com uma área de 586.528 km<sup>2</sup>. As características do relevo de Minas Gerais fazem com que o Estado apresente a altitude mais elevada do País. A superfície é composta por relevo com altitudes que oscilam entre 900 e 1.500 metros. Sua variada geografia é composta por planaltos, depressões, vales, serras, picos, cavernas, florestas, rios, lagos e cachoeiras (IBGE, 2009).

propiciam não somente a referida modalidade, como ainda a prática de outras, como tirolesa, rapel e asa delta.

### **Considerações finais**

Diante da análise e interpretação dos resultados alcançados nesta investigação e considerando as suas limitações metodológicas, procurou-se analisar aspectos ligados à formação e por sua vez, à atuação do profissional que se encontra à frente do processo instrucional das modalidades de esporte de aventura no Brasil. Entre os instrutores de esporte de aventura atuantes no Estado de Minas Gerais, observou-se a prevalência do gênero masculino sobre o feminino, na condução das diferentes modalidades. São profissionais consideravelmente jovens, que se encontram numa média de 31 anos de idade e, em sua maioria, com nível superior de formação em cursos que se distanciam daquelas atribuições desempenhadas pelo instrutor de esporte de aventura.

A escalada se apresenta entre as demais modalidades praticadas no Estado de Minas Gerais, como a mais praticada e trabalhada no âmbito do esporte de aventura. Esse fato ocorre devido às condições naturais da região: é permeada por montanhas, planaltos e cachoeiras em grande parte de sua extensão.

Entre os principais motivos que contribuem para a adesão do indivíduo como instrutor de esporte de aventura, bem como, a sua permanência nesse segmento profissional, encontra-se, primeiramente, a sua experiência prática em diferentes modalidades na condição de praticante. Essa situação confirma a especificidade dessa vertente esportiva, se comparada às modalidades de esporte tradicional. Somado a isso, tem-se a natureza como locus privilegiado, no qual se efetivam as práticas, o risco, as fortes emoções e a oportunidade de manter-se próximo ao ambiente de prática: o esporte de aventura seja como praticante, ex-praticante e, principalmente, na condição de instrutor.

Como recomendação final, ressalta-se a necessidade de realização de novos estudos dessa natureza, envolvendo outros aspectos ligados à atuação do instrutor de esporte de aventura em outros locais de prática, com características diferentes das apresentadas neste estudo. Por fim, ao se considerar a natureza da atuação profissional nos esportes de aventura, sua especificidade, atribuições e habilidades necessárias ao profissional, sugere-se a realização de estudos que busquem pro-

postas metodológicas para o trabalho com as modalidades de esporte de aventura nos diferentes ambientes naturais, como terra, ar e água.

---

**Adventure and risk in mountains of Minas Gerais: professional training for extreme sport**

**Abstract**

In this study, we aimed at assessing the professional training for extreme sport in the State of Minas Gerais (Brazil). We performed an exploratory and descriptive study with a sample group composed of 121 teachers, working in different types of extreme sport in Minas Gerais. We found that the category of such professionals presents from individuals with diverse backgrounds (secondary school, degree in Physical Education and other areas of higher education). Such professionals rise the knowledge necessary to extreme sport instructor act in various forms, e.g. practical experience in one or more types of sports and information sharing among friends in the profession.

**Keywords:** Adventure Sports – Instructors - Risk

**Riesgo y aventura por lãs montañas de Minas Gerais: la formación de profesional de deportes de aventura**

**Resumen**

Este estudio investiga la formación de los monitores de deporte de aventura en el estado de Minas Gerais. Se realizó un estudio exploratorio descriptivo, con un grupo de muestra compuesta de 121 profesores que trabajan en diferentes tipos de deporte de aventura en el Estado de Minas Gerais. Se encontró que la categoría de los profesionales se otorga a personas de diversos orígenes (la escuela secundaria, pregrado en la educación física y otras áreas de la educación superior). Estos profesionales movilizar los conocimientos necesarios para el instructor profesional en el deporte de aventura como diversas experiencias prácticas en uno o más términos y el intercambio de información entre amigos en la profesión.

**Palabras clave:** Deportes de Aventura - Monitores - Riesgo

---

**Referências**

ADVENTURE TRAVEL TRADE ASSOCIATION. 2007. Disponível em <<http://www.adventuretravel.biz/research/>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

BABBIE, E. R. **Métodos de pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BOURDIEU, P. **Programa para uma sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1995.



BRUHNS, H. T. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. Em MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. In. **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003.

COICEIRO, G. A. **O imaginário social de aventureiros do extremo: o universo simbólico dos praticantes de provas de ultra-resistência**. 2007. 236 f. Tese (Doutorado em Educação Física)-UGF, Rio de Janeiro, 2007.

COSTA, C. S. C. **Formação profissional no esporte escalada**. 2004. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-UGF, Rio de Janeiro, 2004.

COSTA, L. C. A. **Prática pedagógica de professores de educação física no ensino fundamental: contribuição da formação inicial e continuada**. 2005. 321 f. Tese (Doutorado em Educação Física)-UFSC, Rio Grande do Sul, 2005.

COSTA, V. L. M. **Esportes de aventura e risco na montanha: uma trajetória de jogo com limites e incertezas**. 1999. 265 f. Tese (Doutorado em Educação Física)- UGF, Rio de Janeiro, 1999.

COSTA, V. L. M. **Esportes de aventura e risco calculado na montanha: um mergulho no imaginário**. São Paulo: Manole, 2000.

COSTA, V. L. M. **Prática de atividades de aventura no Brasil**. Palestra proferida na aula inaugural do Programa de Doutorado em Ciências do Desporto. Universidade de Trás-os-Montes e Alto D'ouro. Vila Real, Portugal. 2006.

DRAKE, J. E.; MILLER, F. J. **Marketing research: intelligence and management**. Stranton Pa: International Textbooks, 1969.

DUFFIELD, C. The Delphi Technique: a comparison of results obtained using two expert panels. **Luft. J. Nursing Study**, v.2, n. 30, p. 277- 289. 1993.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Pesquisa sobre**

**características do Estado de Minas Gerais.** Minas Gerais: IBGE, 2009. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 02 mai. 2010.

JORDAN, D. J. Effective leadership for girls and women in outdoors recreation. **Journal of Physical Education, Recreation and Dance**, v.2 n.63, p. 61-64, 1992.

LE BRETON, D. **Passions du risque.** Paris: Métailié, 2000.

LE BRETON, D. **Conduites à risque.** Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing:** uma orientação aplicada. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. **Turismo, lazer e natureza.** São Paulo: Manole, 2003.

MONTEIRO, A. M. F. C. Professores: entre saberes e práticas. **Educação & Sociedade**, v. 22, n.74, p. 121-142, 2001.

NETO, P. **Estatística.** São Paulo: Blucher Ltda, 1997.

NÓVOA, A. **Profissão professor.** 2<sup>a</sup> ed. Porto: Porto Editora, 2003.

NUNES, C. M. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação & Sociedade**, v. 22, n.74, p. 27-42, 2001.

PASSOS, K. C. M. **Caminhando nas trilhas do reencantamento da natureza:** uma ecologia do corpo sagrado e errante. Tese (Doutorado em Educação Física)-UGF, Rio de Janeiro, 2004.

PERRENOUD, P. **Ensinar:** agir na urgência, decidir na incerteza. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente.** 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, R. L. **As emoções das atividades físicas de aventura na na-**

**tureza e a resignificação do papel feminino.** Dissertação (Mestrado em Biociências)-UFP, Rio Claro, São Paulo, 2004.

SPINK, M. J. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. **Caderno de Saúde Pública**, v. 1, n. 17, p. 277-311, 2001.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Revista Educação e Sociedade**, v.2 n.73, 209-244, 2000.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física.** 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

---

Recebido em: 02/08/2010

Revisado em: 09/09/2010

Aprovado em: 13/09/2010

**Endereço para correspondência**

jairopaixao2004@yahoo.com.br

Jairo Antônio da Paixão

Faculdade de Minas

Rua Cristiano Ferreira Varella, 655

Universitário

36880-000 - Muriaé, MG - Brasil